

# DO COLONIALISMO À IDENTIDADE NACIONAL: O (DES)LUGAR DA MULHER NEGRA AFRICANA

[FROM COLONIALISM TO NATIONAL IDENTITY: THE(DIS)PLACE OF BLACK AFRICAN WOMAN]

**CLÁUDIA APARECIDA AVELAR FERREIRA<sup>i</sup>**

ORCID 0000-0002-8802-1716

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG, Brasil

**Resumo:** Este texto visa refletir sobre a condição de subalternização das mulheres negras no período colonial e pós-colonial africano e sua participação na luta pela identidade nacional presente nos textos poéticos de Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares, aqui denominada Noémia de Sousa (2016) e de Maria da Conceição de Deus Lima, codinome Conceição Lima (2011). Ambas constituem o acervo da literatura africana de Moçambique e São Tomé e Príncipe.

**Palavras-chave:** Identidade nacional; Literatura africana; Mulheres negras; Estigma

**Abstract:** This article aims to reflect on the condition of subalternization of black women in the African colonial and postcolonial period and their participation in the struggle for national identity present in the poetic work of Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares, here called Noémia de Sousa (2016) and Maria da Conceição de Deus Lima, codenamed Conceição Lima (2011). Both constitute the collection of African literature Moçambique and São Tomé e Príncipe.

**Keywords:** National identity; African literature; Black women; Stigma

## 1 Introdução

Este texto visa dialogar com alguns poemas das escritoras africanas Noémia de Sousa, no período colonial, e Conceição Lima, na fase pós-colonial, utilizando seus pseudônimos, como são mais conhecidas fora de seus países de origem. As suas escritas poéticas refletem as vivências em determinado contexto sócio-histórico e o incômodo da condição de ser mulher.

É possível perceber a situação das mulheres africanas negras que permanecem em processo de subalternização, sem lugar de fala no espaço público, reforçando um sistema patriarcal. Isso mostra a negatividade de uma desconstrução do espaço feminino após independência de Moçambique e de São Tomé e Príncipe, como registrado nos poemas em algumas ocasiões de forma metafórica. Na maioria das vezes, as mulheres africanas e muçulmanas são subordinadas aos homens demonstrando o “poder de fogo do patriarcado” (p. 107) e esta ideologia acaba sendo reproduzida pelas mulheres no processo de criação dos filhos segundo a lei do pai (p. 108). A consequência do patriarcado ultrapassa o limite do espaço privado impactando o espaço público com menor acesso a escolaridade adequada, dificuldade de ocupar posto de trabalho de alto prestígio e bom salário pelas mulheres (p. 113), segundo Heleieth Iara Bongiovan Saffioti (2015), autora aclamada na epistemologia relacionada ao gênero, patriarcado e violência.

O artigo pretende enfatizar a identidade nacional e os condicionantes em relação às mulheres negras durante o período colonial e pós-colonial. Faz-se também uma crítica a partir da perspectiva de Jürgen Habermas (2007, p. 134), ao afirmar que a identidade nacional apresenta o sentido de legitimação e nova forma de integração social, e vislumbra uma república democrática e estabelece o contexto cultural em que os colonizados se tornam cidadãos de direito político. Consequentemente esta situação pode gerar uma colisão solidária.

Sendo assim, a identidade nacional não retira as mulheres do julgo dos nativos e dos colonizadores. Cláudia Wasserman (2002, p. 94) ressalta que a “a identidade nacional tornou-se um axioma no processo de construção das modernas nacionalidades,

ou melhor, afirma-se que todos, sem exceção, no mundo moderno, identificam-se como pertencentes a uma nacionalidade”. Essa autora afirma que o significado coletivo de identidade leva à crença de que um grupo é superior a outro, ocasionando a disputa de território político social.

Segundo Spivak (2010, p. 294-295), neste contexto as mulheres negras sofrem com relações de poder opressoras devido condição de classe e fraco poder emancipatório devido menor escolaridade e baixa representatividade (p. 273) no sistema colonial e pós-colonial. Nesse sentido, se remete que as ranhuras ocasionam o silêncio ou silenciamento, com ou sem culpa, como sua invisibilidade no espaço público com o corpo e as vozes.

Portanto, a luta por uma identidade nacional não altera o sistema opressor do patriarcado, mas possibilita que algumas mulheres rompam com o colonialismo através da escrita, exercendo a resistência e o enfrentamento. Isso se faz com a crítica a este sistema e colocando em destaque a situação das mulheres negras na sua função servil em casa, sem ajuda de outrem e sem reconhecimento. Essas mulheres encontram na prostituição uma forma de não serem escravas de um dono único, mas servem aos vários colonos e prováveis donos por questões de sobrevivência. Percebe-se, nos poemas, uma dor indescritível, indelével, impenetrável, cujo sentido só pode ser captado por pessoas empáticas.

Para este estudo foram selecionados quatro poemas, dois de cada autora: de Noémia de Sousa, “O Manifesto Político”, que remete a Rui Guerra, em 29 de maio de 1950, denominado “Minha infância distante” e “Moças das docas” (1949): dedicado a Duarte Galvão; já em Conceição Lima, os poemas são: “O Amor do Rio” e “Projecto de Canção para Gertrudis Oko e sua mãe”.

Noémia de Sousa Soares foi poetisa, jornalista e militante política moçambicana, assimilada<sup>1</sup> e mestiça; nasceu em 20 de setembro de 1926, em Catembe, Moçambique, e faleceu em 4 de dezembro de 2002; a poetisa estudou no Brasil e na década de 40 começou suas escrituras<sup>2</sup> no jornal *O Brado Africano*, em Lisboa, onde morou por

---

<sup>1</sup> Assimilação- Apropriação de ideias ou costumes alheios. Fusão de culturas. Processo através do qual um grupo social ou cultural se torna parte de outro. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/assimilacao/>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

<sup>2</sup> Êscrituras – “método de investigação e produção de conhecimento nas ciências humanas e sociais. A produção de Evaristo aponta para o necessário incômodo que a escrita de mulheres negras precisa provocar no interior da produção científica hegemônica, marcadamente branca e androcêntrica, como um

um tempo e trabalhou como tradutora. Noémia exilou-se em Paris devido a sua posição política oposta ao Estado Novo (Antônio Salazar) e começou a trabalhar no consulado de Marrocos, onde passou a adotar o pseudônimo Vera Micaia. Suas obras encontram-se em: revistas e antologias; colaborando ainda em publicações como *Mensagem* (CEI) e *Mensagem* (Luanda); *Itinerário*; *Notícias do Bloqueio* (Porto, 1959); nos jornais *Brado Africano*, *Moçambique 58*, *Vértice e Sul* (Brasil); e em seu único livro de poemas, *Sangue Negro*, lançado em 2001. Assim, Noémia de Sousa é considerada a “mãe dos poetas moçambicanos”.

A poeta negra Maria da Conceição de Deus Lima nasceu em 1961, em Santana, de São Tomé e Príncipe; estudou o ensino fundamental e médio em sua terra natal; graduou-se em Jornalismo em Portugal e licenciou-se em Estudos Afro-Portugueses e Brasileiros pelo *Kings College* em Londres. Maria da Conceição especializou-se em “Governos e Políticas em África” e defendeu a dissertação de mestrado sobre Estudos Africanos pela *School of Oriental and African Studies (SOAS)*, de Londres. Tem vários livros publicados e editados em vários países como Portugal, Brasil, Áustria, Espanha (Galícia), Moçambique, Colômbia e Venezuela. Seus livros de poemas são: *O útero da casa* (2004); *A dolorosa raiz do Micondó* (2006); *O país de Akendenguê* (2011); *De amor e Desamor* (2012) e *Cibercultura, ciberlinguagem e cibereducação* (2012).

## 2 A condição da mulher nos ambientes moçambicanos e são-tomenses

Os dois países foram colonizados por Portugal e os poemas são analisados em relação ao contexto histórico-cultural do ambiente. Para a estudiosa da escrita africana Inocência Mata, “A literatura não pode entender-se fora do contexto cultural dinâmico e de uma cultura nacional, no seu duplo sentido, comporta em si vertentes variadas dos múltiplos aspectos da sociedade” (MATA, 1993, p. 16). Por isso, na cultura africana dos países de dominação portuguesa se apreende a oralidade nas artes como na literatura, conforme Lopes (1998, p. 274) e na escrita em si (CAMPOS, 2010, p. 87-88).

---

sinal da virada epistêmica em que essa produção se insere, bem como por sustentar a força de uma ética engajada à militância nos escritos e movimentos políticos de mulheres negras” (SOARES; MACHADO, 2017, p. 203). SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

Segundo Ciríaco (2017, p. 95-96), a República de Moçambique, de capital Maputo, localizada no sul do país, estrategicamente posicionada na fronteira com África do Sul, às margens do Oceano Índico e com onze províncias, possui uma sociedade com diversas culturas, etnias e línguas, apesar da língua imposta ser o português.

Lopes (1998, p. 272-273) enfatiza que a literatura moçambicana emergiu durante o período colonial, no ano de 1854, conseqüente à instalação da imprensa e puramente política. A literatura era o instrumento utilizado na luta pela afirmação da identidade do povo moçambicano. Com o movimento pela busca da identidade nacional, os escritores foram motivados por um posicionamento nacionalista, produzindo textos mais concisos e objetivos associados à ideologia libertária. A identidade nacional induziu grandes escritores a deixarem de fazer somente poesia para escreverem sobre diversos dilemas da sociedade que envolvem o mundo africano.

Moçambique foi uma das últimas colônias africanas a obter independência de Portugal, em 1975, e percebe-se lá, além da pobreza e da visão do “ser negro” como “ser inferior” ainda a persistência da violência contra a mulher (LOPES, 1998, p. 272), características de países de dominação branca.

Segundo Mata (1998, p. 67-68), na república democrática de São Tomé e Príncipe são falados cinco idiomas: o crioulo *lunguyê*, da ilha de Príncipe; o angolar, de São Tomé; o forro, falados em toda a Ilha, exceto na ponta sul; e o português. O português é a língua imposta para acesso aos serviços e falada pelas classes sociais mais favorecidas, porém, o crioulo forro se faz presente no dia a dia dos habitantes do país. São Tomé e Príncipe tem seis distritos e a capital localiza-se no distrito de Água Grande.

Mata (2001, p. 210-211) apresenta a literatura de São Tomé e Príncipe inicialmente como uma prosa de ficção com uma poesia contestatória. Com o decorrer do tempo essa poesia caminha para uma literatura nacionalista e, por fim, para uma ficção narrativa, ainda que embrionária.

Gerhard Seibert (2015, p. 43) afirma que a criouliização trouxe à tona as identidades políticas e culturais a partir de dois momentos no processo de colonização, sendo o primeiro no século XVI, momento em que as ilhas foram povoadas por colonos brancos e escravos negros, caracterizadas pela monocultura, trabalho escravo e emergência da sociedade crioula. O segundo processo foi marcado por uma economia

de plantação, com uma sociedade plural (colonos brancos, forros<sup>3</sup> e contratados) e a presença de hierarquia ditatorial com muitos preconceitos de raça.

São Tomé optou pela identidade africana após sua independência, o que a elevou gradualmente a uma maior inclusão e assimilação das categorias antigamente discriminadas na sociedade crioula. Mesmo assim, persistem grandes desigualdades socioeconômicas, com a metade da população afetada pela pobreza. Identifica-se, na região, a ausência de mulheres brancas, porque houve a mestiçagem biológica e cultural (brancos europeus *versus* africanos de diversas partes do continente africano) emergindo a formação da sociedade dos crioulos (SEIBERT, 2015, p. 41).

### 3 Análise contextual dos poemas

A análise desenvolvida engloba a fase colonial e pós-colonial voltada, como as escritoras mostram, para a situação das mulheres nestes dois períodos e ressalta a luta por uma identidade nacional, no sentido da libertação da escravidão para os africanos. Conforme Habermas (2007, p. 177) é um movimento de legitimação da identidade nacional, na busca de suas raízes, de sua história, e na reconquista de sua memória, porém não é possível construir “uma comunidade política genuína e independente”, por isso as mulheres negras africanas, em sua maioria, permanecem escravas e subjugadas ao espaço doméstico. A análise envolve partes dos poemas visando a comparação de antes e depois do nacionalismo no que diz respeito às formas de enfrentamento e resistência das mulheres oprimidas.

A seguir, será apresentado e analisado o poema “Minha infância distante”, de Noémia de Sousa sobre o manifesto político. Este poema que remete a Rui Guerra, é 29 de maio de 1950.

Quando eu nasci na grande casa à beira-mar,  
era meio-dia e o sol brilhava sobre o Índico.  
Gaivotas pairavam, brancas, doidas de azul.  
Os barcos dos pescadores indianos não tinham  
regressado ainda  
arrastando as redes pejudadas.  
Na ponte, os gritos dos negros dos botes

---

<sup>3</sup> Forros eram os escravos emancipados por donos de escravos negros, ou também nativos crioulos em São Tomé (SEIBERT, p. 53).

chamando as mamas amolecidas de calor,  
de trouxas à cabeça e garotos ranhosos às costas  
soavam com um ar longínquo,  
longínquo e suspenso na neblina do silêncio.  
E nos degraus escaldantes,  
mendigo Mufasini dormitava, rodeado de moscas. (SOARES, 2016, p. 42)

Nesta estrofe, o espaço social é demarcado por meio da casa e sua localização como forma de identificar o território que a escritora nasceu. Esta memória denota a importância da sua vivência social na cidade, casa à beira mar, e não no interior. Modos de vida e cultura diferentes, devido à sua condição de assimilada, que mostra que ela tinha condições de vida melhores em relação às outras mulheres negras. Ou ainda, sendo filha de pai branco e mãe negra, a mãe em condições de subalternização como escrava ou agregada ganha a poeta em pleno exercício do trabalho. O eu lírico Noémia demonstra um posicionamento geopolítico e social, e, concomitantemente, remete à natureza, à paisagem e ao tempo em que nasceu.

Ela reflete sobre a situação crítica da condição de ser mulher na sociedade do período colonial, na qual a verdadeira função era procriar e cuidar dos filhos, vivendo uma situação precária e instável. Dessa maneira, vivia sem reconhecimento, mesmo que o tempo da mulher no trabalho doméstico fosse maior do que o dos homens em seus trabalhos fora de casa.

Denuncia também a situação de alguns africanos negros que viviam na miséria, em situação de rua, mostrando a exploração colonial e a degradação da sociedade, pois o escravo que rompia com as regras na sociedade escravocrata acabava na rua: “Mendigo rodeado de moscas”.

Quando eu nasci...  
– Eu sei que o ar estava calmo, repousado (disseram-me)  
e o sol brilhava sobre o mar.  
No meio desta calma fui lançada ao mundo,  
já com meu estigma.  
E chorei e gritei – nem sei por quê.  
Ah, mas pela vida fora,  
minhas lágrimas secaram ao lume da revolta.  
E o Sol nunca mais me brilhou como nos dias primeiros da minha existência,  
embora o cenário brilhante e marítimo da minha infância,  
constantemente calmo como um pântano,  
tenha sido quem guiou meus passos adolescentes,  
– Meu estigma também.  
Mais, mais ainda: meus heterogêneos companheiros de infância. (SOARES, 2016, p. 42)

Na estrofe supracitada percebe-se a importância da memória para descrever um contexto social, cultural e ambiental. O estigma é colocado pelo eu lírico como exemplo na passagem: “Fui lançada ao mundo já com meu estigma”. Possuir o signo racial delimita o espaço social e as possibilidades de realizações.

Erving Goffman (1922-1982), sociólogo do espaço e interação, é muito reconhecido por contribuições relacionados à questão dos estigmas pela obra *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1981). Este autor (p. 4) afirma que a condição do indivíduo que está inabilitado pela aceitação social plena possui uma espécie de estigma, que leva ao descrédito da pessoa, por ser considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem, configurando-se como uma discrepância típica entre a identidade social/virtual e a real.

Esse tipo de estigma, mencionado por Goffman (1981, p. 7), pode ser transmitido por gerações e carregado por todos os familiares. Por isso, a pessoa estigmatizada permanecerá sendo discriminada e desvalorizada após a identidade nacional, pois a elite branca, age de forma preconceituosa contra os africanos negros, principalmente mulheres negras que buscam adotar os valores e atitudes dos brancos para manterem-se no poder.

No verso “O sol nunca brilhou na minha existência”, o eu lírico reforça que não tinha consciência do que é ser mulher e o estigma de o ser. Na adolescência percebe a diferença entre quem tem estigma e quem não tem. Nos heterogêneos que a acompanham, que possuem natureza desigual e/ou apresenta diferença de estrutura, função, distribuição etc., destacam-se a questão da raça e do racismo permeadas nas falas.

Meus companheiros de pescarias  
por debaixo da ponte,  
com anzol de alfinete e linha de guita,  
meus amigos esfarrapados de ventres redondos como cabaças,  
companheiros nas brincadeiras e correrias pelos matos e praias da Catembe  
unidos todos na maravilhosa descoberta dum ninho de lutas,  
na construção duma armadilha com nembo,  
na caça aos gala-galas e beija-flores,  
nas perseguições aos xitambelas sob um sol quente de Verão...  
– Figuras inesquecíveis da minha infância arrapazada, solta e feliz:  
meninos negros e mulatos, brancos e indianos,  
filhos da mainata, do padeiro,

vindos da miséria do Guachene  
ou das casas de madeira dos pescadores,  
meninos mimados do posto,  
meninos frescalhotes dos guardas-fiscais da Esquadilha  
– Irmanados todos na aventura sempre nova  
dos assaltos aos cajueiros das machambas,  
no segredo das maçalas mais doces,  
companheiros na inquieta sensação do mistério da “Ilha dos navios perdidos” – onde  
nenhum brado fica sem eco. (SOARES, 2016, p. 42)

O eu poético continua enumerando as proezas da infância e enfatizando como era uma época feliz, quando não havia diferenças de colonizados e colonizadores, além do aspecto multicultural presente nas brincadeiras: sejam meninos negros e mulatos, sejam brancos e indianos, todos brincavam. Os filhos da mainata são ressaltados, no dialeto de origem, como via de denunciar a situação de vida de alguns grupos, sendo uns escolarizados e outros analfabetos; como os negros, que não têm outra opção que não seja trabalhar na área de serviços para terem uma vida melhor ou apenas sobreviver. Os negros vindos da miséria demonstram a diferença entre os brancos que são, no contexto, crianças mimadas.

Ah, meus companheiros acorados na roda maravilhada  
E boquiaberta de “Karingana wa karingana”  
Das histórias da cocuana do Maputo,  
Em crepúsculos negros e terríveis de tempestades  
(o vento uivando no telhado de zinco,  
o mar ameaçando derrubar as escadas de madeira da varanda  
e casuarinas, gemendo, gemendo,  
oh inconsolavelmente gemendo,  
acordando medos estranhos, inexplicáveis  
nas nossas almas cheias de xituculumucumbas desdentadas  
e reis Massingas virados jibóias...)  
Ah, meus companheiros me semearam esta insatisfação  
dia a dia mais insatisfeita. (SOARES, 2016, p. 42)

Esses versos são ricos e desafiador, e, simultaneamente, o dialeto foi usado como forma de resistência ao utilizar a língua portuguesa permeada pelo crioulo. Padilha (2005, p. 15), em seu artigo “Da construção identitária a uma trama de diferenças: um olhar sobre as literaturas de língua portuguesa”, apresenta como a lusofonia interfere no processo da criação literária e, apesar do rompimento dos colonizados, ao escrever em língua nativa (lusismo) em um formato normatizado por Portugal, traz a riqueza da lusofonia, com a dialética em alguns trechos.

A dicotomia se faz no contraste da realidade entre colonizador e colonizados. Além da sensação de melancolia e decepção com a situação vivida que gera a insatisfação, levando o ímpeto de mudança.

A escrita descreve uma infância feliz, sem estigmas e saudosista: “Eles me encheram a infância do sol que brilho no dia em que nasci. Com a sua camaradagem luminosa, impensada, sua alegria radiante [...]”. A criança não percebe a diferença de poder entre os sujeitos, ela quer brincar, no entanto o processo de socialização que envolve a família estabelece distinção ente o feio e o bonito, o rico e o pobre e, com isso, a discriminação é fortalecida. Miriam Pillar Grossi, antropóloga, em sua obra *Masculinidades: Uma revisão teórica* (2004) enfatiza que as diversas formas de subjetividades como racismo, sexismo, padrões de beleza e moralidade são repassados dos pais para os filhos, ainda na época da infância, e continuam sendo reproduzidos sem questionamento do porquê, tão comum na fase da infância.

Na estrofe seguinte, o eu lírico reflete que a fraternidade “não é mera palavra bonita escrita a negro no dicionário da estante: ensinaram-me que ‘fraternidade’ é um sentimento belo e possível, mesmo quando as epidermes e a paisagem circundante são diferentes” (SOARES, 2016, p. 42), por isso, Goffman (1981, p. 6) afirma que não existem estigmas quando há respeito às diferenças. “E este veneno de lua que a dor me injectou nas veias/em noite de tambor e batuque /deixará para sempre de me inquietar” (SOARES, 2016, p. 42s).

Nos últimos versos acima, a poetisa aponta a dificuldade dos colonizados em serem reconhecidos e traz o som do tambor, sinal de algo a acontecer, e o batuque, como meio de comemorar e assim vislumbrar paz e um país melhor. Remete-se assim, à ancestralidade, aos valores culturais e da musicalidade presente nas cerimônias, cujo símbolo é o tambor. Com narrativa em primeira pessoa, nesses versos os valores da cultura africana são eternizados.

O signo mulher negra evoca as mesmas associações e oposições, a qual desprende-se do signo como objeto único e abriga-se na narrativa (SAUSSURE, 1972). “Um dia, / o sol iluminará a vida. / E será como uma nova infância raiando para todos” (SOARES, 2016, p. 42). Esses versos mostram a vida da mulher negra africana e escravizada nos moldes capitalistas. Outro poema de Sousa que se refere a um clamor de liberdade é “Nossa voz (06/08/49)”, em referência ao José Craveirinha “Nossa voz

ergueu-se consciente e bárbara, sobre o branco egoísmo dos homens, sobre a indiferença assassina de todos. [...] nossa voz trespassou a atmosfera, conformista da cidade e revolucionou-a” (SOARES, 2016, p. 26-27).

Nesse poema, Noémia de Sousa presenteia o leitor com o poder da língua e sua evocação, que mobilizam os colonizados/discriminados que vivenciavam uma desigualdade social. Também mostra como o povo tem uma força especial quando unido. Isso remete ao movimento Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) que lutou, com a participação das mulheres, na guerrilha para a independência, bem como em guerras regionais, como na África do Sul (CUNHA, 2012, p. 70). Sousa dirige a voz das mulheres ao poeta José Craveirinha, porque ele já tinha anunciado a identidade nacional em seu poema político “Grito Negro”, no qual enaltece o nacionalismo antes da independência e faz a fusão da emancipação social com a nacional (LOPES, 1998, p. 269-274).

Já Luís Kandjimbo (1997) é pseudônimo literário de Luís Domingos Francisco demonstra como o poder da linguagem funciona por meio de resistência de um povo, para alcançar a liberdade e para facilitar o diálogo:

O poder simbólico deriva das potencialidades que a linguagem proporciona àqueles que realizam o discurso da veridicção, do dizer-verdadeiro. O espaço da palavra é o primeiro domínio da liberdade e da democracia. Contrariamente ao que acontece na política ou ao político, o poder da palavra só suscita adesão depois de provada a sua adequação às expectativas do destinatário. Na legitimação política, primeiro procede-se à eleição e só depois se pode aferir a competência do governante. Como se vê, o poder da palavra é o poder do diálogo. (KANDJIMBO, 1997, p. 169-170)

O poema de Conceição Lima “O Amor do Rio”, publicado no livro *O país de Akendenguê* (2011), manifesta musicalidade e um eu lírico que enaltece o nacionalismo e a importância de valorizar o cotidiano, pois o amor do rio é a ilha, conforme pode-se observar:

Os sonhos do porvir, os cantos que cantei, carrego-os na voz.  
Antes da minha voz, já um nome fora dado a cada coisa e a cada coisa uma medida. / Em cada nome pus apenas um sopro de lume [insubmisso: em cada coisa, uma sugestão de prumo e de estrela. (LIMA, 2011, p. 42)

De início, o título do poema, “O Amor do Rio”, instiga o leitor a uma metáfora intimista: ou amor pelo rio ou amor ao rio, remete um lugar feliz, fazendo referência à

estrofe “A casa”, onde ela projeta os sonhos. Na primeira estrofe, a autora alude ao futuro e ao passado como lembrança para construir o futuro, promovendo uma dialética com o ciclo temporal.

Servem agora das palavras o travo, amor, favo a favo: bebe o crescendo deste áspero [concerto]. Busco ainda o frémito do compasso, as alturas [de um coro pigmeu.  
Na mão, conservo os rascunhos, aquela letra adiada, a extensão da rasura.  
Do que te dou, eis que não me cabe senão o [dom que a meus olhos te revela. São minhas e sem fim as margens deste rio. (LIMA, 2011, p. 42)

Essa estrofe apresenta uma cadência intimista em um compasso musical, iniciando a narrativa em primeira pessoa e segue para a terceira do plural, visando colocar o outro. Tanto que as letras são delas (eu lírico) como as margens do rio “São minhas e sem fim as margens deste rio. /Meu o caudal, o sulco da piroga. /Pertence-me a sisudez das pedras, a impaciência dos sábios (LIMA, 2011, p. 42).

Na próxima estrofe ela retorna a valorizar o cotidiano do povo dela, começando pelo rio, quando cita uma embarcação típica do lugar e usa “Meu o caudal” de forma polissêmica, no lugar que ela se posiciona naquela navegação.

Magros. São magros estes campos, a fracção [que nos detém.  
Magra a colheita, a safra instigada, magros os [dedos e a mão que os sustêm, magro o grão que hora na cova desta mão.  
Crescem muralhas inesperadas, visitante, [nestes campos.  
Crescem neste viveiro de tenras couves, [crescem como carnívoros bolbos no olho da paisagem.  
Crescem à sombra de véus e distância, cresceu [na solidão dos espectros avulsos.  
Crescem sitiadas por insones flores.  
Este lugar é a minha casa, não tenho outra.  
Esta casa é o meu lugar, não quero outro.  
Ainda que o ventre da infância reconvoque outro exílio.  
Mesmo se angústia das mães antecipa a aurora.  
Por isso trouxe ao teu jardim o odor do sal, a [raiz do mar que bordeja o baobá. (LIMA, 2011, p. 42)

Na estrofe, há a descrição da desigualdade social do povo africano no período colonial por meio da agricultura e das mãos calejadas do trabalho duro com mísera remuneração e por meio da opressão. Emerge um visitante, o estrangeiro, e, conseqüentemente, novas formas de exclusão e discriminação do povo africano. Eles trazem a boa nova por meios de artefatos como forma de conquistar o povo, mas “de olho” na terra deles. Neste ponto indaga: “este lugar é minha casa e não de outra”; há

uma premonição do que está por vir, como as mães antecipam a aurora. O eu lírico faz uma crítica ao estrangeiro, emerge o ufanismo e a busca por uma identidade nacional.

Filha insular, não me saúdes! Dá-me um [umbigo de algas e de estrume – quero plantar o coração dos fantasmas elementares.  
Em fogo moldarei então as proporções onde [um laço de ndombó amarrará para sempre o [nosso amor no mesmo Nilo. (LIMA, 2011, p. 42)

Nessa passagem, a terra, que é o rio, clama ao povo por uma razão existencial. “Dá-me [um umbigo...” é uma expressão que mostra a relação com a mãe natureza e remete à ancestralidade para poder agarrar-se a sua lembrança para sempre.

Corpo de onda, quantas vezes passei por ti e não te vi? Quantas vezes rocei teu vulto e [te esqueci?  
Quantas vezes o espelho separou a nossa [fronte e nos uniu? Quantas vezes esse espelho nos confundiu?  
Quantas vezes nos perdemos, face a face, sem [ouvir do rio o som que nos funda e reinventa? (LIMA, 2011, p. 42)

Nesses versos, o eu lírico dá conta que não percebia os sinais de uma mudança, ameaça, pois os pormenores do dia a dia acabam sendo despercebidos, e procura alertar seu povo, utilizando em cada verso o sinal de interrogação. Nessa última estrofe, devido à condição crítica dos africanos, ela convoca o povo para a luta, podendo ser considerado um grito de guerra.

Para ti esta água se liberta no meu canto, se reergue a velha Casa no meu pranto, do meu seio rumoreja a nascente no meu quarto.  
Este amor do grande rio nos convoca. (LIMA, 2011, p. 42)

Um dos movimentos que fez emergir a necessidade de libertação de São Tomé e Príncipe e o despertar do sentimento nacionalista, foi o Massacre de 1953 ou Massacre de Batepá, decorrente da ação portuguesa contra a população destes povos. Houve grande número de vítimas de forros, grupo dominante nas ilhas, comandado pelo governador português Carlos de Sousa Gorgulho, segundo Rodrigues (2018, p. 30). Outro evento foi o Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP) que levou a conquista de autonomia nacional em 1975, e assumiu o governo do país como partido único.

Após a independência de São Tomé e Príncipe, Augusto Nascimento (2018) – em seu artigo “Quatro décadas de independência, das “mudanças” à indeterminação das vidas em São Tomé e Príncipe” – argumenta que, devido à polarização das identificações políticas que desconstroem a integração social, tem acontecido prejuízo ao desenvolvimento da economia, além de causar rupturas na “confiança social que fragilizam o nacionalismo, alardeado há quarenta anos, e o apego à terra. (NASCIMENTO, 2018, p. 62).

Por fim, esta identidade nacional tão sonhada pelo povo de São Tomé e Príncipe, com o decorrer do tempo, polarizará o debate a ponto de fazer emergir questões que envolvem outra identidade além dela, como acontece em Moçambique. Neste país há questões que envolvem identidade racial, étnica, cultural, social e pode-se considerar que Moçambique e dentre outras nações em condições similares, são países que estão a se inventar, como pontuou Moreira (2013, p. 13), professora de literatura africana.

Em relação à situação da mulher negra africana colonial, a poetisa Noémia de Sousa trata do assunto no poema “Moças das docas” (1949), presente no livro *Sangue Negro* direcionado a...: A Duarte Galvão.

Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço.  
Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanines,  
viemos do outro lado da cidade  
com nossos olhos espantados,  
nossas almas trancadas,  
nossos corpos submissos escancarados.  
De mãos ávidas e vazias,  
de ancas bamboleantes lâmpadas vermelhas se acendendo  
de corações amarrados de repulsa,  
descemos atraídas pelas luzes da cidade,  
acenando convites aliciantes  
como sinais luminosos da noite. (SOARES, 2016, p. 81)

Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa do plural, em que o eu lírico se coloca no lugar dessas mulheres. As estrofes são contínuas e nelas a prostituição é vista pelas mãos escravas como o único e melhor caminho para suas filhas.

Nos versos presentes na “Somos fugitivas”, demonstram que as mulheres negras fogem dos seus lares ou donos, devido à situação desumana em que vivem, e vão para a cidade em busca de melhores condições de vida, onde são discriminadas devido à falta de escolaridade, constituindo um dos desafios que encontram ali. E como essas

mulheres não têm condições de se sustentarem de formas convencionais, usam seus corpos e remelexos nas áreas onde ocorre o comércio sexual para garantirem “o pão nosso de cada dia”.

Vimos...  
Fugitivas dos telhados de zinco pingando cacimba,  
do sem sabor do caril de amendoim quotidiano,  
do doer de espádua todo o dia vergadas  
sobre sedas que outras exibirão,  
dos vestidos desbotados de chita,  
da certeza terrível do dia de amanhã  
retrato fiel do que passou,  
sem uma pincelada verde forte  
falando de esperança. (SOARES, 2016, p. 81)

Na estrofe: “Fugitivas do telhado” há uma ideia de recordar a memória do lugar de onde vieram, os costumes dos lugares de origem, tais como o caril de amendoim quotidiano sem sabor e as dores das chibatadas.

Vimos...  
E para além de tudo,  
por sobre o Índico de desespero e revoltas,  
fatalismos e repulsas,  
trouxemos esperança.  
Esperança de que a xituculumucumba já não virá  
em noites infindáveis de pesadelo,  
sugar com seus lábios de velha  
nossos estômagos esfarrapados de fome. (SOARES, 2016, p. 81)

Nessa estrofe, destaca-se o último verso: “nossos estômagos esfarrapados de fome” atenta-se para a ilusão de que na cidade não passarão fome, não terão pesadelos, à esperança de uma vida melhor e à crença de que qualquer “coisa” na cidade vale mais a pena que viver na escravidão.

E viemos.  
Oh sim, viemos!  
Sob o chicote da esperança,  
Nossos corpos capulanas quentes  
Embrulharam com carinho marítimos nómadas de outros portos,  
Saciaram generosamente fomes e sedes violentas...  
Nossos corpos pão e água para toda a gente. (SOARES, 2016, p. 82)

Encontra-se na quarta estrofe o símbolo do corpo adjetivado: “Nossos corpos capulanas”. A autora leva o leitor a perceber que o corpo daquelas mulheres é uma mercadoria e que, portanto, está à venda. E ainda assim, é melhor que antes. Elas não têm consciência de que a prostituição é uma profissão não regularizada, sem nenhum tipo de reconhecimento e que permanecerão às margens da sociedade.

Vimos...  
Ai, mas nossa esperança  
venda sobre nossos olhos ignorantes,  
partiu desfeita no olhar enfeitado de mar  
dos homens loiros e tatuados de portos distantes,  
partiu no desprezo e no asco salivado  
das mulheres de aro de oiro no dedo,  
partiu na crueldade fria e tilintante das moedas de cobre  
substituindo as de prata,  
partiu na indiferença sombria de caderneta. (SOARES, 2016, p. 81)

No verso “Dos homens loiros”, há uma percepção por parte das mulheres quanto à discriminação entre elas, as negras e as brancas, com ouro nos dedos. A situação de gueto social é gritante e a indiferença entre os grupos também. O que acontece com as mulheres negras nos países colonizados é que estão como domésticas das mulheres brancas. Nada muda para a mulher negra, pois a mulher branca a oprime, o sucesso da branca está condicionado à opressão da negra. A passagem “E agora, sem desespero nem esperança/Seremos em breve fugitivas das ruas marinheiras da cidade” (SOARES, 2016, p. 81) indica que as africanas negras na prostituição entendem o lugar a que elas pertencem, por isso se veem como fugitivas das ruas, marinheiras da cidade.

Nos versos seguintes o eu lírico continua a falar das dores da vida da mulher negra:

E regressaremos,  
Sombrias, corpos floridos de feridas incuráveis,  
rangendo dentes apodrecidos de tabaco e álcool,  
voltaremos aos telhados de zinco pingando cacimba,  
ao sem sabor do caril de amendoim  
e ao doer do corpo todo, mais cruel, mais insuportável. (SOARES, 2016, p. 81)

Nesses versos percebe-se que as mulheres que saíram do meio rural para o urbano pensam em retornar ao meio de onde saíram e os registros na memória afloram o saudosismo. Nos versos que seguem é notório o pedido à vida:

Mas não é a piedade que pedimos, vida!  
Não queremos piedade  
daqueles que nos roubaram e nos mataram  
valendo-se de nossas almas ignorantes e de nossos corpos macios! (SOARES, 2016, p. 81)

O verso “Mas não é piedade que pedimos” aponta a questão da violência a que estão submetidas no seu dia a dia no trabalho. Vidas roubadas e morte de almas ignorantes (sem educação). O que faço não foi a primeira escolha, mas uma ação contingencial.

“Piedade não trará de volta nossas ilusões”, esta estrofe sugere que às mulheres têm pleno conhecimento de sua situação e, por isso, não querem a piedade de ninguém sobre suas vidas perdidas no passado e no presente.

Piedade não trará de volta nossas ilusões  
De felicidade e segurança,  
Não nos dará os filhos e o luar que ambicionávamos.  
Piedade não é para nós.

Agora, vida, só queremos que nos dês esperança  
para aguardar o dia luminoso que se avizinha  
quando mãos molhadas de ternura vierem  
erguer nossos corpos doridos submersos no pântano,  
quando nossas cabeças se puderem levantar novamente  
com dignidade  
e formos novamente mulheres! (SOARES, 2016, p. 81)

A estrofe “Agora, vida, só queremos que nos dês esperança a vida só queremos”, traz a ideia de que elas somente querem ter a luz da esperança de que conseguirão ser mulheres dignas na sociedade e não mero objeto sexual. Saffiotti (2015, p. 63) “o patriarcado foi instaurado no início do ano 3100 a. C e somente foi consolidado no ano 600 a.C., logo tem cerca de 5.203-4 anos”. No século XIX a mãe de Max Weber mesmo sendo culta sofria do “autoritarismo do chefe de família, que controlava sua vida e ...sua fortuna” (VARIKAS (2014, p. 423). Segundo Saffiotti (2015, p. 110, 113), o patriarcado é um fato histórico, e em constante transformação, significando dominação e exploração das mulheres pelos homens, bem como o controle da sexualidade feminina, visando dominar as mulheres e assegurar a fidelidade da esposa ao marido. Os autores Bourdieu (2012, p. 73), Spivak (2010, p. 295) e Saffiotti (2015, p. 146) enfatizam que a situação

da mulher é de subalternização e desvalorização resultantes de uma construção sócio-histórica em uma sociedade patriarcal. Na esfera privada, a mulher é responsável pela garantia da reprodução social, propiciando a produção social em menor custo. Na esfera pública, a mulher é percebida como desvalorizada, subordinada e explorada, devido aos baixos salários e falta de prestígio no mundo produtivo devido à dominação masculina. Se negra, a mulher é ainda mais oprimida e subjugada pela supremacia branca.

No poema “Projecto de Canção para Gertrudis Oko e sua mãe”, de Conceição Lima, presente no livro *O país de Akendenguê* a oralidade é bem marcante, a começar pelo título. Nos versos “Amanhã iremos/antes do primeiro galo, pé ante pé/ não vá despertar a cidade que enfim ressona” (LIMA, 2011, p. 42) a poetisa inicia a estrofe com a primeira pessoa do plural, sugerindo que a Gertrudis Oko não está sozinha, sua mãe a conduzirá pelo melhor caminho, por isso, não precisa ter medo, pois elas sairão bem cedo, com o intuito de não alarmar ou incomodar os demais moradores do lugar. Os versos não dizem isso por completo.

Na estrofe que se segue, a poetisa apresenta a mãe e a filha vestidas com roupas adequadas para um passeio ou emprego (engomada e passajada). A saia, vestimenta típica feminina daquele lugar, já fora consertada e engomada, de modo que parecesse nova, isso mostra a situação financeira da família e como a escravidão agia sobre a prole da mulher negra africana em *continuum*.

Iremos juntas  
engomada e passajada a velha saia.  
O lenço de vivas ramagens,  
Negado as traças.

Iremos juntas  
sem temor dos fantasmas.

Conhecemos o trilho.  
De olhos fechados o conhecemos, tu e eu-  
advínhamos o risco no chão  
escavamos a decisão das pedras  
já deciframos o enigma de todas as perdas. (LIMA, 2011, p. 60-61)

Nessa estrofe do poema, mãe e filha são levadas a imaginar que não deve olhar para trás, deve deixar o passado e seguir no presente para um futuro melhor, vencendo até mesmo as nuances da natureza como o frio e o capim; nada as atrapalhará ou as

desanimará a permanecer na caminhada. Isso remete à atitude típica de escravos, no caso escravas, andando longas distâncias até quase exaurirem-se diante de um objetivo. “Ao virar da esquina seguiremos em frente /Sem vergar a cabeça, afastaremos o capim /Sentiremos frio do orvalho nas nossas pernas- caminhemos” (LIMA, 2011, p. 60-61).

“Ao encontro do pregão no ventre da praça:/odores secretos, a luz das mangas/ a voz da velha Mercedes proclamando a frescura das couves” (LIMA, 2011, p. 60-61). Por fim, mãe e filha chegam à cidade onde se deparam com uma praça que tem um pregão no centro, o que leva o leitor a pensar obelisco ou propositalmente, que o tronco onde muitos escravos eram açoitados, mutilados e fixados em pregões enormes para mostrar como o seu dono desaprovava qualquer atitude, tal como a fuga por exemplo. Elas, do interior para cidade, não reconhecem os odores secretos e luzes de mangas daquele lugar. Prenuncia-se sua chegada no prostíbulo, típico lugar de acolhimento das escravas que chegavam à cidade, sem as habilidades e estudos das moças brancas, enquanto a mãe vê um caminho promissor para a filha, que lhe proporcionará um destino diferente do dela, ouve-se a voz da velha Mercedes anunciando a seus clientes a chegada de gente nova no pedaço.

A prostituição alicia as mulheres mais pobres, do interior, mais vulneráveis e sujeitas à exploração sexual por terceiros, ou ainda vítimas do tráfico de mulheres. Em Moçambique e em outros países da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC)<sup>4</sup>, essa situação acontece devido à exclusão socioeconômica de muitas famílias e que percebem este caminho como uma oportunidade de melhorar suas condições de vida. José Joaquim Franze e Joaquim Miranda Maloa (2018, p. 117), apontam ainda a questão de saúde como o contágio de doenças como a Aids, e o risco de morte em seu artigo “A problemática do tráfico de mulheres para fins de exploração sexual: Uma análise comparativa entre Moçambique e outros países da SADC”.

A dialética da prostituição nos ensaios feministas transcorre por dois caminhos, sendo a prostituição considerada como o uso abusivo do sexo, em que a mulher está sujeita a ser um objeto sexual, vítima de violência pelo tráfico de pessoas, e como fonte de poder devido à sua autonomia sexual que desconstrói o sistema patriarcal sobre suas sexualidades.

---

<sup>4</sup> Países membros da SADC - Angola; África do Sul; Botswana; República Democrática do Congo; Lesoto; Madagascar; Malawi; Maurícia; Moçambique; Namíbia; Seychelles; Suazilândia; Tanzânia; Zâmbia e Zimbábue (FRANZE; MALOA, 2018, p. 114).

Atenta-se para uma visão moderna, trazida por Ciríaco (2017, p. 100) em seu artigo “Moçambique: diversidade cultural e linguística” no qual demonstra que as mulheres, há décadas, vêm sendo expostas a situações de submissão e humilhação, com alta carga de trabalho no lar, condições de saúde e educação precárias, afora a violência doméstica e abuso sexual. Há diferenças entre os polos de Moçambique, sendo a mulher do norte mais bem tratada, mesmo em uma sociedade patriarcal, devido ao matriarcalismo. Enquanto isso, no Sul predomina a patrilinearidade, que configura o lobolo com o objetivo de pagar o dote, dinheiro ou bens materiais para família da noiva na área rural e o marido tem a posse da esposa. Neste meio rural, a mulher deve procriar, trabalhar e cuidar da família. A obediência e subalternização ao marido é regra, devendo-se aceitar inclusive a poligamia masculina, mesmo que seja contrária às doutrinas do cristianismo.

Segundo Bourdieu (2012, p. 7-8), a dimensão simbólica da dominação masculina é percebida pela forma com que é imposta e vivenciada, representando a violência simbólica, insensível, invisível em suas próprias vítimas pelo desconhecimento do reconhecimento, enfim, do sentimento estigmatizado. Por isso, as mulheres africanas eram violentadas sem perceber a condição a que estavam expostas cotidianamente.

Élen Gonçalves e Prisca Pereira (2017, p. 28), no artigo “A metapoética de *home* na obra de Conceição”, dizem que as mulheres negras estão na base da pirâmide e a porção mais pobre está em São Tomé. A identidade das mulheres é marcada pelo patriarcalismo enraizado em toda sociedade, além da elevada discriminação contra a mulher, que chegou ao ponto de chamar a atenção da Organização das Nações Unidas para alta desigualdade de gênero no país.

O eu lírico compõe, nos poemas de Noémia de Sousa e Conceição Lima, a sincronização do eu lírico com o sujeito lírico, porque a poesia lírica é basicamente subjetiva devido o papel preeminente que ela confere ao “eu”, por isso, na alocação literária, tanto poética como romanesca, o autor como pessoa está ausente, e o “eu” é um puro sujeito da enunciação, para Dominique Combe (2009/2010, p. 114). Carlos Alberto Faraco (2005, p. 39) corrobora Bakhtin (2000) ao apresentar a interrelação entre o autor-escriptor e o autor-pessoa através da estética das narrativas, a se envolver na trama e captar o sentido proposto.

#### 4 Considerações finais

Os poemas das escritoras argumentam sobre a importância da identidade nacional e do papel das mulheres, e se integram ao demonstrar de forma crítica a situação do seu povo no período colonial e como as mulheres urgiam por uma qualidade de vida melhor devido à opressão e exclusão na esfera privada e pública que sofriam. Além disso, há também necessidade da busca por uma identidade nacional, mesmo em espaço geográfico, sociocultural e temporal diferentes. As mulheres sempre lutam, seja no período colonial seja no pós-colonial, com armas, vozes ou letras, demonstrando que permanecem ativas e resistem, mesmo não sendo reconhecidas em determinado contexto social.

A comparação destes poemas aponta para a construção e manutenção do patriarcado nas duas sociedades, mas, por outro lado, a desconstrução do lugar da mulher ocorre pela via da prostituição, apesar dos riscos conhecidos por elas, porém acreditando que será melhor do que antes, com a subalternização remunerada.

A revisão bibliográfica proporcionou dados mais atuais da situação, tornando os poemas atemporais, pois a situação das mulheres em pleno século XXI ainda está arraigada de significados e signos que não atendem mais o modo de vida atual e a fragmentação da identidade devido à polarização.

Noémia de Sousa, militante, escreveu seu poema no final do período colonial, de forma enfática, intimidadora, clamando por justiça, com oralidade bem presente, o que pode ser comprovado pelo eu lírico nos versos com as primeiras pessoas do discurso, convocando a todos (uso da primeira pessoa do singular e plural) para lutarem pelo seu espaço geográfico.

Enquanto Conceição Lima, no período pós-colonial, traz, por meio da memória, na forma de eu lírico, a questão da valorização de sua terra, e de forma mais singular e polissêmica, a situação das mulheres, como forma de resistência ao patriarcado. As escritoras passam pela lusofonia, pois para muitos, o idioma imposto não se adequa a uma expressão local com o mesmo sentido, por isso, percebe-se palavras em crioulo, pelos tempos passado, presente e futuro. Percebe-se por esta análise que os poemas dessas duas autoras reafirmam o papel da mulher na sociedade africana e levam a pensar a condição das mulheres em sociedades diversas.

## Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 11ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1930-2002], 2012.
- CAMPOS, Vera Mascarenhas de. São Tomé na narrativa de Fernando Reis. *Revista Lumen et Virtus*, v. I, n. 1, p. 85-105, jan./2010. Disponível em: <[https://www.jackbran.com.br/lumen\\_et\\_virtus/numero1/artigos/PDF/veramarcar enhas1.pdf](https://www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/numero1/artigos/PDF/veramarcar enhas1.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- CIRÍACO, Maria Inês Francisca. Moçambique: diversidade cultural e linguística. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 94-108, jan./jun. 2017. Disponível em: <[https://redib.org/Record/oai\\_articulo2311150-mo%C3%A7ambique-diversidade-cultural-e-lingu%C3%ADstica](https://redib.org/Record/oai_articulo2311150-mo%C3%A7ambique-diversidade-cultural-e-lingu%C3%ADstica)>. Acesso em: 02 ago 2021.
- COMBE, Dominique. A referência desdobrada. O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. *Revista USP*, São Paulo, n. 84, p. 112-128, dez./fev. 2009/2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i84p113-128>>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- CUNHA, Teresa. As memórias das guerras e as guerras de memórias. Mulheres, Moçambique e Timor Leste. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], v.96, p. 67-86, 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rccs/4825>>; DOI: <<https://doi.org/10.4000/rccs.4825>>. Acesso em: 13 dez. 2021.
- FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FRANZE, José Joaquim; MALOA, Joaquim Miranda. A problemática do tráfico de mulheres para fins de exploração sexual: Uma análise comparativa entre Moçambique e outros países da SADC. *Revista da Faculdade de Direito da UFRGS*, Porto Alegre, n. 39, vol. esp., p. 112-128, dez. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/revfacdir/article/view/83814>>. Acesso em: 01 ago. 2021.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- GONÇALVES, Élen Rodrigues; PEREIRA, Prisca Agustoni de Almeida. A metapoética de *home* na obra de Conceição. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, p. 28-45, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.34019/1982-0836.2017.v21.19431>>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- GROSSI, Miriam Pilar. Masculinidades: Uma revisão teórica. *Revista Antropologia em Primeira Mão*, da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 7, p. 21-42, 2004. Disponível em: <<https://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar3.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

- HABERMAS, Jürgen. *Inclusão do outro: estudos de teoria política*. 3ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 2007.
- KANDJIMBO, Luís. O escritor, o intelectual, o poder e a política em Angola. In: *Apologias de Kalitangi - Ensaio e crítica*. Luanda: INALD (Instituto Nacional do livro e do disco), 1997, p. 163-172.
- LIMA, Maria da Conceição de Deus. *O país de Akendenguê: poesia*. Afradite, Portugal: Editorial Caminho S.A., 2011.
- LOPES, José de Souza Miguel. Literatura moçambicana em língua portuguesa: Na praia do oriente a areia naufraga do ocidente. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, p. 269-285, 1998. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6165935>>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- MATA, Inocência. *Emergência e existência de uma literatura – o caso santomense*. Linda-a-Velha, Portugal: Edições ALAC, 1993.
- MATA, Inocência. *Diálogo com as ilhas*. Sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe. Lisboa: Colibri, 1998.
- MATA, Inocência. A prosa de ficção são-tomense: a presença obsidiante do colonial. *Revista de Filologia Românica*. Anejos, v. 11, p. 207-244, 2001. ISSN: 0212-999X; ISBN: 84-95215-15-7.
- MOREIRA, Terezinha Taborda. A identidade moçambicana no ilusório espelho da raça. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; CAVACAS, Fernanda (Org.). *Mia Couto: um convite à diferença*. v. 1, 1ª ed. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 277-293.
- NASCIMENTO, Augusto. Quatro décadas de independência, das “mudanças” à indeterminação das vidas em São Tomé e Príncipe. *Cadernos de Estudos Africanos* [online], n. 35, 2018, p. 64-87. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/cea.2605>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- PADILHA, Laura Cavalcante. Da construção identitária a uma trama de diferenças: um olhar sobre as literaturas de língua portuguesa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 73, p. 3-28, dez. 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/rccs.950>>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- RODRIGUES, Inês Nascimento. Descolonizar a fantasmagoria: Uma reflexão a partir do “Massacre de 1953” em São Tomé e Príncipe. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [online], n. 115, p. 29-50, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/rccs.6954>>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovan. *Gênero, Patriarcado, Violência*. 2ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SAUSSURE, Ferdinand. A natureza do signo linguístico. In: SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 79-84.
- SEIBERT, Gerhard. Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: divergências históricas e identitárias. *Afro-Ásia* [online], n. 49, p. 41-70, 2014. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/afro/a/JkqrNntcjwC5BkDsFvWgGKK/?lang=pt#ModalArticles>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SEIBERT, Gerhard. Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. *Anuário Antropológico* [online], Brasília, v. 40, n. 2, p. 99-120, 2014/2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/aa.1411>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

SOARES, Caroline Noêmia Abranches de Sousa. *Sangue Negro*. Série Vozes da África. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Can the subaltern speak?* Ed. Rosalind Morris. New York, NY: Columbia University Press, 2010.

VARIKAS, Eleni. Max Weber, a gaiola de aço e as senhoras. In: DEVREUX, Anne-Marie; CHABAUD-RYCHTER, Danielle; VARIKAS, Emile; DESCOUTURES, Virginie (Org.). *O gênero nas ciências sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour*. São Paulo; Brasília, DF: Editora Unesp; Editora Universidade de Brasília, 2014, p. 343-357.

WASSERMAN, Cláudia. Problemas teóricos que envolvem a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades. *Semina: Ciências Humanas e Sociais*, Londrina, v. 23, p. 93-100, set. 2002. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/272653320-Theoretical-problems-that-involve-the-collective-identity-and-the-new-identities-formation.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

*Recebido em 07/08/2021*  
*Aceito em 20/11/2021*

---

<sup>i</sup> **Cláudia Aparecida Avelar Ferreira** é Doutora em Administração (PUC MINAS). Mestre em Administração (Centro Universitário UNA). Farmacêutica-bioquímica (UFMG). Pesquisadora do GEDI (Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão) e NIS (Núcleo de Inteligência Social-Tratamento da Informação Espacial). **E-mail:** claudiahgv@gmail.com